



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o painel “Parcerias nas Políticas dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes: Qualificação Profissional e Combate ao Abuso e à Exploração Sexual”**

**Centro de Convenções Ulysses Guimarães – Brasília-DF, 10 de fevereiro de 2009**

Bem, primeiro eu começo com um pedido de desculpas a vocês, porque ao terminar o primeiro evento eu, primeiro, ganhei uma gravata que desbotou e manchou toda a minha camisa. E eu pensei que tinha roupa no carro, mandei buscar no carro, a roupa não estava no carro, estava no Palácio do Planalto, então eu demorei. Então desculpem, eu sei que vocês estão aqui desde uma hora da tarde, uma e meia. A única vantagem é que vocês conseguiram sair da cidade de vocês e vir conhecer a Capital Federal.

Segundo, eu queria cumprimentar a companheira Dilma, o Paulo Vannuchi, o Patrus, a Marisa, o Meneghelli.

E queria fazer uma pergunta aqui, só para eu entender com quem eu estou falando. Quem é primeira-dama aqui? Por favor, levante a mão. Tem “primeiro-damo”? Quantos? Vou dizer para vocês que é mais difícil, viu? É mais difícil ser “primeiro-damo”. Prefeitas, tem aqui? Secretárias, tem? Tem quase tantas secretárias quanto primeiras-damas. Várias primeiras-damas são secretárias.

Bem, deixa ver o que eu vou falar para vocês. Vocês vejam como o mundo é pequeno. A gente reclama da vida, mas domingo eu liguei a televisão e eu assisti ao filme sobre a luta das mulheres para conquistar o direito de voto nos Estados Unidos. Parece-me que o nome verídico da mulher era Patrícia Power, uma coisa assim. Era uma mulher que... Eu estou falando da década de 20, para conquistar o direito de voto nos Estados Unidos. E essa mulher era



mulher de gente importante na política, e o movimento para votar fez essa mulher ir presa. Ela é presa com mais outras mulheres – 200 mulheres – ela entrou em greve de fome, ela estava num convento, era uma espécie de uma freira, um negócio meio religioso que tomava conta. E essa mulher, para comer, abriam a boca dela, enfiavam um negócio na boca dela, enfiavam uma mangueira para dar comida para ela. Eu vou começar com isso para dizer para vocês o quanto nós avançamos nesses últimos anos.

Eu vi ali, agora, na reunião com os prefeitos, apenas 9,8% de prefeitos são mulheres. É muito pouco. Na Câmara dos Deputados ainda tem muito poucas mulheres, no Senado tem poucas mulheres. Mas a gente não pode ficar desesperado, porque essas coisas acontecem assim mesmo. É um processo de evolução da espécie humana. A gente vai aprendendo, a cada dia, que nós temos um milímetro de espaço e nós temos que ocupá-lo.

Então, eu penso que daqui a alguns anos, quando um outro Presidente da República estiver conversando com vocês, a gente pode ter 50% de prefeitos e 50% de prefeitas, a gente pode ter mais mulheres do que homens na administração pública. Nós sabemos o preconceito que nós temos que enfrentar pela frente. Nós sabemos que não é fácil a mulher entrar na política, porque ainda tem muito preconceito no Brasil e em outros lugares. Graças a Deus a gente tem o exemplo da Michelle Bachelet no Chile, graças a Deus a gente tem o exemplo da Cristina na Argentina, e a gente vai evoluindo.

E agora, eu não sei se todas as mulheres que já assumiram o posto de primeira-dama, se todo mundo tem noção dos pepinos que vão enfrentar daqui para a frente. Eu disse para os prefeitos que o melhor momento da vitória da gente é o dia da vitória, que a gente recebe o resultado eleitoral até o dia da posse, depois começa o martírio da vida da gente.

O que é importante é que vocês tenham clareza de definir, na cabeça de cada uma de vocês, qual é a melhor forma de vocês contribuírem para a cidade de vocês. Não existe uma função específica na Constituição, o que existe é



uma determinação da pessoa dizer: “Eu quero fazer isso, eu quero fazer aquilo, eu posso fazer porque eu tenho competência para fazer”.

Eu não tenho dúvida nenhuma da importância de uma companhia na vida de um administrador. Não tenho dúvida nenhuma. Já há muito tempo nós vencemos aquele obstáculo de dizer que atrás de cada homem tem uma grande mulher. Isso já é coisa do passado. Hoje, na verdade, muitas vezes as mulheres até no seu anonimato estão na frente, porque elas são mais corajosas quando precisam ser corajosas, elas são mais ousadas quando precisa de ousadia, elas são mais, eu diria, destemidas do que nós, homens. Então, vocês a partir de agora passam a jogar um papel importante na vida de vocês.

É importante ter em conta as durezas da vida na administração pública. Quem aqui mora numa cidade com menos de 50 mil habitantes? Esse é um outro problema que nós, graças a Deus, começamos a reverter porque prefeito de cidade pequena não tinha nem chance de vir a Brasília. Como não existiam políticas públicas, portanto as prefeitas e os prefeitos também tinham pouco para vir aqui a Brasília. Muitas vezes vinham, porque a gente faz o discurso na cidade da gente, depois a gente vai justificar o discurso vindo a Brasília para dizer: “Não consegui porque o governo não quis dar”.

Agora, vocês vão ficar amanhã aqui também. Vão ter várias palestras, me parece que também para vocês, com vários companheiros. O importante... eu queria pedir a compreensão de vocês, de verdade, queria pedir a sensibilidade, não do prefeito ou a sensibilidade da prefeita, mas a sensibilidade de gênero que a mulher tem muito mais aguçada do que nós, os homens. É que tem muita coisa para ser feita no município, tem muita coisa na relação do prefeito com o governo federal, tem muita coisa com o governo estadual. E se não tiver a determinação de alguém ficar cobrando que aconteçam as coisas todos os dias, não acontecem.



Eu vou contar um pequeno exemplo para vocês. Nós criamos o ProJovem. O ProJovem, no começo, era para a capital. Tinha prefeito que tinha divergência política com o governo federal, então ele se dava ao luxo de não inscrever os jovens da sua cidade para estudar, porque era um programa do governo federal. Isso já está superado hoje.

Mas só para mostrar para vocês como a coisa é difícil. Eu não sei qual é a função que vocês vão ter na prefeitura, mas tem uma função: coloquem na casa de vocês ou no escritório de vocês – de preferência numa casa... Se eu puder dar um conselho para vocês: não levem os problemas da rua para dentro de casa. Quando chegarem dentro de casa, vocês vão viver outro tipo de vida, sobretudo se tiverem filhos e filhas. Não misturem o cotidiano da vida de vocês na rua com a relação com a família de vocês, porque não tem nada pior do que vocês chegarem em casa e um filho falar para vocês: “É, mãe, a gente está se metendo em política também”, “Você não chega mais em casa cedo”, “Você não tem mais sábado, você não tem mais domingo, você não tem mais feriado”. O dia em que isso começar a acontecer, vocês vão começar a ter problemas. É importante que vocês façam da vida política de vocês uma coisa prazerosa, não apenas para vocês, mas uma coisa prazerosa para aqueles que ficam em casa esperando a gente chegar. Eu não sou muito exemplo, mas é exatamente por eu não ser exemplo... porque eu sou um pai que, por conta de estar na política há muito tempo, quase todos os meus filhos nasceram... a Marisa teve sozinha. Quase todos nasceram... um eu estava em uma reunião, o outro eu estava na Bahia, o outro eu estava não sei onde, o outro eu levei ela até a porta do hospital – era o primeiro que eu disse que ia ver nascer – aí aconteceu uma desgramada de uma reunião, eu deixei ela na maternidade e fui para a reunião. Obviamente que se eu voltasse hoje... nunca fui a uma reunião do meu filho porque sempre achei que ela tinha que ir. Então, isso é só um exemplo.



Agora, se o pai tem a sua vida atribulada e a mãe também tem, podem ficar certos de que alguém vai sofrer as conseqüências, e são aqueles que estão em casa esperando a gente chegar com um aconchego, com um carinho, com um chamego. É preciso tomar muito cuidado. Não levar para dentro de casa a raiva que a gente passa na administração pública durante todo o dia. Essa é uma coisa sagrada para vocês manterem a vontade, manterem a disposição.

A segunda coisa que eu queria pedir para vocês é que se vocês colocarem na sala onde vocês vão trabalhar um computador, e vocês tiverem a determinação de acompanhar a programação do governo, as propostas de políticas públicas do governo, e vocês ficarem insistindo para que aquela política pública chegue lá, eu posso dizer para vocês que é possível que a política pública chegue lá, porque sempre tem as cidades maiores que têm mais acesso, que vêm mais a Brasília, que têm mais deputados, que têm mais amizades e que vai levando as coisas, e as cidades pequenas podem ficar em um segundo plano. Então, nós precisamos criar a responsabilidade de vocês cobrarem e de nós fazermos.

Eu vou dar um exemplo: nós lançamos um programa, há um ano e meio, chamado Território da Cidadania. É, na minha opinião, do ponto de vista da elaboração, o mais importante programa que eu já vi na minha vida política. Eu sou militante político há mais de 30 anos. Eu nunca vi um programa tão elaborado como o Território da Cidadania. Ele envolve 19 ministros, faz chegar numa região política de saúde, política previdenciária, política agrícola, política de crédito, política de moradia e tantas outras políticas.

Se vocês assumirem a responsabilidade de dizer “esse programa vai chegar na minha cidade e vai dar certo, porque eu vou acompanhar”, nós temos chance de fazer o programa ser exitoso. Se o prefeito não tiver interesse, se a prefeita não tiver interesse, ou a primeira-dama, que tem uma função, não tiver interesse... Às vezes eu fico viajando pelo Brasil inteiro e



falando do programa Território da Cidadania e, muitas vezes, ele não está acontecendo, porque ele só vai acontecer se a cidade quiser que ele aconteça. Daqui de Brasília nós não temos condições de fazer as coisas acontecerem.

Por isso é que é preciso construir a parceria. Nós, hoje, estamos conscientes de que não conseguiremos fazer nada se a gente não tiver uma cumplicidade com as cidades. Se não tiver cumplicidade com as cidades, não acontece.

A minha preocupação com o analfabetismo só vai acontecer se a cidade quiser que não tenha analfabeto na sua cidade. A minha vontade de diminuir a mortalidade infantil, ela só vai acontecer se alguém na cidade estiver disposto a acompanhar a política de saúde para a cidade. Vocês ouviram o Paulinho Vannuchi falar, a questão do sub-registro civil, ainda tem milhões de crianças que nascem neste país e que não são registradas. É uma coisa abominável. Mas não é tão abominável se a gente não estivesse subordinado a uma lógica dos cartórios. Só quem pode registrar é o cartório, quando poderia ser o prefeito, poderia ser o delegado de polícia, poderia ser o diretor do hospital, poderia ser o médico que fez o parto, poderia ser um monte de gente, até a parteira poderia dar o primeiro atestado, mas tem lógica que tem que ter o cartório. E nós temos 400 cidades no Brasil que nem cartório tem. E aí fica muito mais difícil.

Eu estou só colocando problemas para vocês saberem que se vocês quiserem tem um potencial de trabalho extraordinário para as primeiras-damas fazerem. Um trabalho excepcional, em que vocês peguem a Internet, entrem nos programas do governo federal e digam: “Eu vou querer esse programa na minha cidade. Eu vou querer esse programa aqui na minha cidade. Eu vou querer esse programa de saúde aqui, eu vou querer esse ProJovem aqui, eu vou querer o Pronaf aqui”.

O Pronaf, é uma vergonha. O Pronaf, nós colocamos R\$ 13 bilhões para a agricultura familiar. O que acontece? Nas cidades menores, fora da região



Sul do País, o trabalhador é desinformado, às vezes o sindicato é fraco, às vezes o gerente do Banco do Brasil não dá nem bola para um trabalhador rural.

Imaginem se vocês assumissem de organizar os agricultores familiares, na cidade em que vocês moram, e organizarem para ir ao Banco do Brasil para que eles tenham o crédito do Pronaf. Imaginem o sucesso que é numa prefeitura, se vocês tiverem 200 trabalhadores, 50 ou 100 com crédito para poder plantar. Vocês têm um papel extraordinário para fazer com que os prefeitos possam comprar parte da comida da merenda escolar da agricultura da cidade, sobretudo dos pequenos agricultores ou, quem sabe, das agricultoras, porque agora nós temos o Pronaf Mulher. No fundo, no fundo, o que eu estou querendo dizer para vocês é que vocês podem dar um salto de qualidade na administração pública.

Uma coisa que eu ia falar para os meus amigos prefeitos, lá, era o seguinte: com que cara que a gente quer sair quando terminar o nosso mandato? Qual é a biografia que a gente quer ter quando a gente terminar esses quatro anos? Qual é a biografia? Se a gente não toma cuidado e o prefeito se mete em uma enrascada... Não pensem que é só o prefeito que se mete em enrascada. A hora em que ele se meter, entra mulher, entram os filhos, entram os netos, entra o genro, porque parente não é parente para receber herança – genro – mas na hora da confusão todo mundo é parente.

Então, eu acho que vocês podem dar uma contribuição enorme. Primeiro, de fiscalizar se as políticas sociais do governo federal estão chegando na cidade. Nós não queremos saber o partido que as pessoas são. Não me interessa saber o partido, a religião ou o time de futebol. Não me interessa. O que me interessa é que a política chegue lá, porque não tem nada mais triste do que você disponibilizar recursos e depois, no final do ano, esses recursos virarem superávit primário porque a gente não conseguiu empenhar esse programa.



Eu não sei se a Dilma falou para vocês, mas agora, dentro de poucos dias, nós vamos lançar um programa que vai interessar a todos vocês. Nós vamos lançar um programa para construir, até 2010, além das casas que a Caixa já faz, mais 1 milhão de casas neste país, sobretudo para as pessoas mais pobres. Vocês podem contribuir, quem é primeira-dama, ajudando o marido, quem é “primeiro-damo”, ajudando a mulher, quem é prefeita, trabalhando.

Este ano é um ano delicado em que a gente tem que pensar em tudo o que possa gerar empregos. Vocês viram que na reunião com os prefeitos teve companheiro que reclamou do piso salarial dos professores, que é muito alto e as cidades pequenas não podem pagar. Eu entendo o papel do prefeito. Eu entendo, mas nós precisamos discutir um jeito de ele ter o dinheiro para pagar, e não achar que R\$ 900 é muito dinheiro para uma professora ganhar. Vamos encontrar, porque só do PDE vão ter 5 bilhões para ajudar a pagar o piso salarial. Nós sabemos a diferença de uma cidade grande, de uma cidade rica para uma cidade pequena, mas a gente tem que brigar para encontrar um jeito de arrumar dinheiro e nunca abrir a boca para dizer que uma professora que ganha 900 ganha muito, porque não ganha, não ganha. Sobretudo no Brasil em que as professoras, muitas vezes, fazem o papel de mãe, fazem o papel de avó, fazem o papel de babá. Hoje, numa escola pública, a professora não dá apenas a aula. Ela quer saber se o moleque está comendo, se ele está com piolho, se ele está com caspa, se ele está com uma doença qualquer. O moleque leva para vocês os problemas.

Então, eu penso que nós estamos construindo uma geração de muito mais solidariedade. Eu, quando fui ao ato que o Paulinho Vannuchi contou para vocês, da prostituição infantil, nós, seres humanos normais, achamos tão abomináveis a prostituição infantil, a violência contra a mulher, que é uma coisa absurda, e a gente pensa que elas só acontecem no meio dos pobres. Elas





acontecem na classe média, que fica enrustida às vezes, e que não contam para ninguém.

Eu dizia lá no Rio de Janeiro: qual é o papel que os meios de comunicação ensinam para as nossas crianças? O que as nossas crianças assistem todo santo dia? Qual é o programa educativo? O que uma criança que fica com o controle remoto... antigamente era fácil: tinha que se levantar do sofá para mudar de canal. A molecada ficava brigando, ninguém queria mudar de canal. Mas agora com controle remoto, a gente termina não vendo nada, porque mudam toda hora, ficam virando o tempo inteiro. E o que é que tem na televisão? Quanta coisa tem, que educa os nossos filhos, na televisão? E esses assuntos são todos tabus no Brasil. A gente não quer discutir. Um não quer que dê preservativo, o outro não quer que dê educação sexual na escola, o outro não quer que (incompreensível). A gente fica numa hipocrisia de manter os tabus, que não resolve os problemas do cotidiano da nossa família.

E cada um tem de nós tem um problema que está na casa dos outros. Quando a gente vê uma criança drogada, a gente fala: “São os amigos”. A gente nunca pergunta para a gente em frente ao espelho: “O que é que está faltando eu fazer para que meu filho não se meta nisso? Onde está o meu erro? Qual é o exemplo que eu estou dando dentro de casa? Qual é o exemplo que meu marido está dando dentro de casa? O que ele vê na televisão, que pode educá-lo a não querer fazer aquilo?” Nada. Nós estamos órfãos, na verdade, porque nós não temos programas educativos que possam contribuir para a gente acabar com essa coisa dentro de casa.

Esses dias eu... posso contar para vocês como primeira-dama, eu vi um vídeo da CPI da pedofilia, e eu peço a Deus que vocês nunca vejam, porque as coisas abomináveis que eu vi com crianças de um ano, com crianças de dois anos, nenhum animal irracional na sua normalidade é capaz de fazer um gesto de brutalidade que um cretino, um canalha pode fazer com uma criança para ganhar dinheiro na internet. E tudo isso vai se aproveitar para vocês. Ah, que



bom seria se a vida de quem é eleito fosse só coquetel, fosse só recepção, fossem só aplausos. É muito mais difícil do que isso.

Eu vou contar uma coisa para vocês aqui, já fazendo um apelo para mim como homem. Vocês podem ser o garante do prefeito ser melhor ou pior. Vocês podem ser o garante, porque o prefeito pode contar uma história que não seja verdade na rua, mas ele não conta a terceira dentro de casa porque a mulher descobre. Ele não conta.

Então, eu acho que vocês podem mudar um pouco a lógica do papel da primeira-dama neste país. Podem mudar a lógica. Eu estou vendo aqui uma grande maioria de jovens, possivelmente companheiras de prefeitos pela primeira vez, cheias de vontade de fazer as coisas, cheias de tempo para dedicar, e eu queria dizer para vocês: dediquem, coloquem no coração o cuidado com a cidade de vocês, mas sobretudo olhem os mais pobres.

Por exemplo, como é que a gente atinge o Bolsa Família se não tiver pessoas que fiscalizem se quem está inscrito são os mais pobres da cidade? Como é que a gente acaba com o analfabetismo se não tiver alguém na cidade que vá aos grotões saber por que aquele adulto não estudou? O ProJovem paga para esse companheiro voltar a estudar, ele dá uma ajuda para ele voltar a estudar e formá-lo profissionalmente, mais ou menos como esse curso que o Meneguelli acabou de mostrar na televisão ali.

E depois, outra coisa que vocês não podem se cansar: não deixem de colocar idéias que vocês acham que é importante para que a gente possa transformar essas idéias em projetos de lei, em políticas públicas. Coloquem, porque a gente também não sabe tudo, a gente vive aprendendo todo santo dia. E vocês, que estão começando agora uma atividade pública, vocês estão com a cabeça cheia de idéias, vocês não estão com o vício da máquina ainda. Vocês não estão naquela fase em que acham que não podemos fazer nada porque a máquina é assim mesmo. Vocês estão com vontade de mudar as coisas neste país.



Eu queria pedir para vocês, para terminar, e dizer para vocês: coloquem a inteligência de vocês para cobrar de nós. Nós já fizemos muitas coisas e eu sei que fizemos muitas coisas, mas eu acho que ainda falta fazer muita coisa neste país. Muita coisa. Do ponto de vista da educação, do ponto de vista da saúde, nós temos muita coisa para fazer. Vocês têm que aproveitar esse sangue novo, essa esperança que vocês estão, porque cada uma de vocês eu acho que se deita à noite pensando: “Puxa vida, eu quero que o meu marido faça isso, eu quero resolver aquilo”. Mas se vocês pensarem assim ao deitar, se levantem com a mesma vontade, não desanimem. Não pode esquecer da boa idéia porque se levantou, porque entrou na vida real.

Então, eu acho, companheiras, que o Brasil vive um momento excepcional na política, e vocês, tanto as 9,5% de prefeitas que tomaram posse como as quase 5 mil primeiras-damas que nós temos no País, podem ajudar a mudar a cara do País. O que não pode é vocês entenderem que vocês não foram eleitas, portanto vocês não têm nenhuma obrigação. Vocês têm muita obrigação, muita, e eu espero que vocês exerçam a obrigação de vocês. Primeiro, cobrando o direito que vocês têm, cobrando do governo federal, cobrando do governo estadual, cobrando do prefeito, cobrando da Câmara de Vereadores, porque nós temos clareza de que – e essa é a minha idéia que eu disse hoje aos prefeitos da minha relação com a municipalidade – nós poderemos viajar, andar de avião, mas a gente sempre retorna à nossa cidade.

Eu me lembro que uma vez nós fizemos uma música para uma campanha, que não interessa quando – alguns se lembram aí – uma música que dizia: “a minha cidade parece pequena se comparada a um país, mas é na sua, na nossa e na minha cidade que a gente começa a ser feliz”. Eu acho que isso... Isso é uma coisa excepcional.

Eu tenho mais dois anos de mandato. Estão aqui os ministros, amanhã estarão aí, fazendo as palestras deles. Ao terminar a palestra, por favor, pelo amor de Deus, não permitam que quando vocês retornarem à sua cidade e



começarem a viver o cotidiano dos problemas que vocês têm, não esqueçam de que aqui tem um governo que está disposto a fazer o que não foi feito, que tem um governo que está disposto a aprender mais do que ensinar, e tem um governo que sabe que nós temos que fazer muita coisa ainda. Eu sei do que já fizemos, mas sei do que falta fazer, sei do tempo que nós vamos levar.

Agora mesmo, estamos com uma crise econômica, uma crise que vocês estão vendo na televisão. Estou com dó do Obama, porque ele está com mais problema do que eu, a crise lá é muito mais profunda do que aqui. Mas como os Estados Unidos são a maior economia do mundo, ela vai prejudicar outros países. Vocês não sabem o quanto eu rezo para o Obama acertar, não só porque eu não quero que a crise deles prejudique o Brasil, mas é porque eu acho que é o seguinte: imaginar aquele país preconceituoso ter eleito um negro Presidente da República é uma coisa tão excepcional que o Obama não tem o direito de errar.

Companheiras, primeiras-damas, prefeitas, secretárias, “primeiros-damos”,

Eu conheço um companheiro “primeiro-damo”, que era o marido da nossa Maria do Carmo, em Betim – não sei se ele está por aqui. Eu posso dizer para vocês que ele não tinha nenhuma vontade de ser “primeiro-damo”. Ele ficava extremamente incomodado quando a prefeita chegava tarde, quando a prefeita fazia reunião. Mulher tem mais paciência, mulher espera. Está certo que, de vez em quando, vocês olham no relógio: “Isso é hora? Não devia ter chegado mais cedo?”. Eu sei.

De qualquer forma, eu estou desejando para vocês a mesma sorte que eu desejo para a minha companheira Marisa. E espero que vocês... Deus ajude que vocês se comportem, na cidade de vocês, como a Marisa se comporta comigo, ou seja, a Marisa não é mulher de querer participar de festa, a Marisa não é mulher de querer participar de coquetel, agora, nos momentos mais difíceis é que eu sinto o valor da galega com quem eu casei há 35 anos.



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

Um abraço. Boa sorte para vocês, queridas.

(\$211A)